

## Resenha

### **A abordagem da mídia sobre os riscos e as incertezas das mudanças climáticas**

(PAINTER, James. **Climate change in the media: reporting risk and uncertainty**. London: I.B. Tauris & Co. Ltd, 2013.)

Eloisa Beling LOOSE<sup>1</sup>

O livro *Climate Change in the Media – Reporting Risk and Uncertainty*, de James Painter, demonstra como as mudanças climáticas são apresentadas pela mídia, tendo em vista seus riscos e incertezas. Com base no pressuposto de que muitos cientistas acreditam que a abordagem dos riscos cria uma resposta mais eficiente para os tomadores de decisão e o público em geral (em relação à ênfase nas suas incertezas), o autor analisa a cobertura da imprensa sobre os relatórios do Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC) e o degelo no Oceano Ártico em seis países diferentes (Austrália, França, Índia, Noruega, Reino Unido e EUA), revelando como ocorre a comunicação sobre riscos climáticos através dos jornais.

Embora seja inevitável falar das incertezas quando tratamos das mudanças do clima (porque estão relacionadas a uma preocupação com o futuro), elas podem ser um obstáculo para aqueles que decidem o que fazer em relação a elas. De igual forma, elas representam uma barreira para os públicos leigos, que tendem a não compreender a incerteza da mesma forma que os cientistas: enquanto os últimos a percebem como parte dos estudos, os primeiros tendem a reinterpretá-la como uma falta de conhecimento.

Diante disso, Painter argumenta que a linguagem dos riscos pode ser útil para promover mudanças hoje em vez de aguardar até o momento em que a prova conclusiva

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná (PPGMADE/UFPR). Mestre em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: eloisa.loose@gmail.com

de que o clima está alterado apareça. Ele pontua que esta linguagem já está presente na experiência cotidiana da população, como ocorre nos casos da saúde e de investimentos financeiros, e que muitas pessoas já avaliam os riscos em escalas de tempo próximas a dos riscos climáticos - como quando se paga um fundo de pensão por 40 anos.

No segundo capítulo, o autor afirma que incertezas e riscos são conceitos utilizados de diferentes formas em muitas disciplinas e que, de maneira geral, seu significado é compreendido de forma diversa pelo público leigo. Painter cita o estudo de Henry Pollack, no qual é evidenciado que as pessoas tendem a relacionar a ciência com a certeza e não com a incerteza. Também traz a explicação de David Stainforth, que pondera que a percepção das pessoas não especialistas sobre ciência está relacionada com o que aprendemos na escola (que são fatos já conhecidos e confiáveis) e não com a pesquisa científica (que envolve discordâncias). Dessa forma, enquanto que para os leigos a incerteza é vista, geralmente, de forma negativa, para os cientistas ela tem um sentido positivo, que os motiva a desenvolver outras pesquisas.

Em razão desse desencontro, a comunicação eficaz das incertezas tem se tornado, cada vez mais, objeto de estudo. Há muitos gradientes entre a certeza e a incerteza, e afirmar apenas que é provável, significativo ou considerável não resolve os problemas de comunicação. Os cientistas céticos sobre as mudanças climáticas acabam aproveitando esta questão da incerteza para convencer os leigos indecisos. E a mídia, muitas vezes, acaba amplificando estas vozes, contribuindo para a não compreensão do público. Porém, tal argumento (de que a incerteza pode significar a inexistência dos riscos climáticos) é visto como um erro, porque os riscos realmente existem ao longo de uma escala gradual de probabilidades. Assim, na perspectiva do autor, a linguagem dos riscos nos lembra de que eles existem e algo precisa ser feito logo.

No entanto, por outro lado, esta linguagem pode deslizar para um tom alarmista ou catastrófico. Tal problema, em algumas circunstâncias, tem o efeito de criar o medo, o desespero e a inação. Portanto, mais pesquisas devem ser realizadas porque a eficácia do uso da linguagem dos riscos depende de valores culturais, sociais e políticos, assim como das relações e experiências dos públicos.

O terceiro capítulo traz o relato de jornalistas que trabalham com o assunto, exibindo vantagens e desvantagens de usar esse tipo de linguagem na cobertura do clima. Os jornalistas que cobrem as mudanças climáticas não têm consenso sobre o uso

da linguagem de risco, mas, em geral, acreditam no seu potencial para alcançar públicos heterogêneos. Devido aos riscos climáticos gerarem um impacto difuso e, muitas vezes, implicarem que “você é parcialmente responsável pelo que está acontecendo” (um discurso que as pessoas não querem ouvir), a construção de tais notícias promove uma discussão polêmica, mesmo entre editores e repórteres. Afinal, como comunicar esta questão? Para isso, estudos levando em conta a recepção também precisam ser desenvolvidos – algo não contemplado na obra de Painter, que se debruçou sobre a perspectiva da produção.

Adiante o autor dedica-se à maneira como os jornalistas divulgam os relatórios sobre o clima, mostrando as dificuldades encontradas para lidar com probabilidades e estatísticas. A cobertura dos riscos climáticos tende a se centrar em um "falso equilíbrio" entre as visões tradicional e cética. Neste caso, os jornalistas dividem o espaço das notícias igualmente entre a visão da maioria dos cientistas do clima e a de um grupo minoritário, que discorda que a mudança climática está acontecendo. Essa postura, segundo o autor, contribui para o público leigo ter a percepção de que os cientistas estão sempre em desacordo uns com os outros. Além disso, ele aborda a tendência à dramatização dos desastres vinculados ao clima.

No capítulo seguinte há a exposição da pesquisa do autor sobre a cobertura das mudanças climáticas em jornais de seis países diferentes. Painter analisou quatro estudos de caso: 1) a divulgação da primeira parte do quarto relatório do IPCC, de 2007; 2) a divulgação da segunda parte do quarto relatório do IPCC, de 2007; 3) a divulgação do relatório do IPCC sobre eventos climáticos extremos, de 2012; e 4) a cobertura do degelo do mar Ártico, desde janeiro de 2010. A partir de quatro enquadramentos (incerteza, desastre/risco implícito, risco explícito e oportunidade), ele realizou uma análise de conteúdo e identificou como a mídia representa as problemáticas atreladas às mudanças climáticas. Ao final foi constatada uma presença muito forte do enquadramento desastre/ risco implícito - que inclui a possibilidade de impactos adversos, como o aumento do nível do mar e maior frequência dos eventos climáticos extremos, por exemplo, mas sem mencionar a palavra ‘risco’ - na imprensa de todos os países analisados. O quadro da incerteza é o segundo mais comum e o da oportunidade é o terceiro.

Seguem-se as análises detalhadas das notícias país por país. Já na última parte há um resumo do estudo que destaca, na cobertura da imprensa, a subordinação do enquadramento do risco explícito em relação aos demais. Painter comenta ainda sobre o declínio do número de jornalistas especialistas em muitos países ocidentais - para alguns, esta é uma das razões para as falhas encontradas na cobertura do assunto - e a ausência da combinação da linguagem de risco e do enquadramento da oportunidade em sua amostra. Finalmente, ele faz recomendações para tornar a cobertura sobre o tema melhor.

A obra oferece um vasto mapeamento de como a mídia cobriu os riscos e as incertezas sobre as mudanças climáticas a partir da análise de enquadramento. É um trabalho importante para comparar os meios utilizados pelos jornalistas para lidar com a ciência do clima e tem o mérito de apontar sugestões para melhorar a cobertura. Além disso, as entrevistas realizadas com profissionais que cobrem o assunto complementam a discussão teórica e o grande esforço analítico de cobrir quatro casos atrelados ao clima em seis países diferentes, aproximando a teoria e prática.

Ressalta-se que o estudo apresentado trata de uma interface ainda em desenvolvimento no Brasil - a relação entre jornalismo e riscos climáticos -, o que pode motivar a realização de investigações locais. Também, em função desta leitura, é possível pensar em maneiras de comunicar os riscos com mais eficácia para, assim, envolver o público no enfrentamento das questões climáticas, um subsídio para o exercício da atividade jornalística neste momento em que vivemos uma crise ambiental.